

# UM



## DOIS NA ESTRADA

Shelby e Miles estavam rindo quando saíram de dentro do Anunciador. As gavinhas escuras pendiam da aba do boné azul dos Dodgers de Miles e do rabo de cavalo emaranhado de Shelby.

Embora Shelby sentisse o corpo dolorido, como se tivesse feito quatro sessões seguidas de ioga *Vinyasa*, ao menos eles estavam de volta à terra firme e ao presente. Em casa. *Finalmente*.

O ar estava frio e o céu cinzento, porém iluminado. Os ombros de Miles se sobrepunham a ela, protegendo o corpo de Shelby do vento forte que fazia ondulações na camiseta branca que ele vinha usando desde que os dois deixaram o quintal da casa dos pais de Luce no Dia de Ação de Graças.

Há uma eternidade.

— Estou falando sério! — dizia Shelby. — Por que é tão difícil para você acreditar que hidratante labial está no topo da minha lista de prioridades? — Ela correu um dedo pelos próprios lábios e encolheu o corpo de modo exagerado. — Minha boca está parecendo uma lixa!

— Você é maluca — zombou Miles, mas seus olhos acompanharam o dedo de Shelby enquanto ela traçava a linha do lábio inferior. — Você sentiu falta de *hidratante labial* dentro dos Anunciadores?

— E dos meus *podcasts* — disse Shelby, caminhando sobre uma pilha de folhas secas. — E das minhas saudações ao sol na praia...

Os dois haviam passado tempo demais saltando de galho em galho nos Anunciadores: da cela na Bastilha, onde encontraram um prisioneiro espectral que não quis dizer como se chamava; para idas e vindas em um sangrento campo de batalha chinês onde eles não reconheceram nem uma alma; e, mais recentemente, para Jerusalém, onde afinal haviam encontrado Daniel, que estava à procura de Luce. Só que Daniel não era ele mesmo, não de todo. Ele estava (literalmente) unido a uma fantasmagórica versão passada de si e não havia conseguido se libertar dela.

Shelby não conseguia parar de pensar em Daniel e Miles lutando com setas estelares, no modo como os dois corpos de Daniel (o do passado e o do presente) se separaram quando Miles enfiou a seta no peito do anjo.

Coisas assustadoras aconteceram dentro dos Anunciadores; Shelby estava feliz por não precisar mais viajar por eles. Agora, eles bem que podiam não se perder na floresta no caminho de volta para o dormitório. Shelby olhou na direção que esperava ser o oeste e começou a guiar Miles através daquela parte sombria e nada familiar entre as árvores.

— Shoreline deve estar para aquele lado.

O retorno para casa tinha um lado bom e outro ruim.

Ela e Miles haviam entrado no Anunciador com uma missão; saltaram para dentro dele, no quintal da casa dos pais de Luce, logo depois que a própria Luce desapareceu. Os dois foram atrás dela tanto para trazê-la de volta (como Miles dizia, os Anunciadores não deviam ser tratados com sutileza), mas também apenas para ter certeza de que ela estava bem. Não importava quem era Luce perante os anjos e demônios que a disputavam, Shelby e Miles não davam a mínima. Para eles, ela era uma amiga.

Mas, durante a caçada, eles a perdiam de vista o tempo todo. Aquilo deixava Shelby louca da vida. Os dois passavam de um lugar bizarro para outro sem topar com nenhum sinal de Luce.

Ela e Miles discutiram diversas vezes em relação a que direção tomar e como chegar lá, e Shelby odiava brigar com Miles; era como brigar com um cachorrinho. A verdade é que nenhum dos dois sabia de fato o que estava fazendo.

Em Jerusalém, no entanto, uma coisa boa havia acontecido: os três, Shelby, Miles e Daniel, se deram bem pela primeira vez. Agora, com as bênçãos de Daniel (que alguém também poderia chamar de ordens), Shelby e Miles finalmente voltavam para casa. Um lado de Shelby sentia-se preocupado por abandonar Luce, mas outro lado, o que confiava em Daniel, ansiava por voltar ao lugar onde ela deveria estar. À sua época e lugar apropriados.

Era como se eles tivessem viajado por um longo tempo, mas quem sabia como o tempo funcionava dentro dos Anunciadores? Será que eles voltariam e descobririam que tudo tinha durado apenas alguns segundos, perguntou-se Shelby, um pouco apreensiva, ou *anos* teriam se passado?

— Assim que chegarmos a Shoreline — disse Miles —, vou direto tomar uma chuveirada quente e bem demorada.

— É, boa pedida. — Shelby pegou uma mecha dos fios grossos do seu rabo de cavalo loiro e cheirou. — Tirar esse fedor de Anunciador do cabelo. Se é que isso é possível.

— Sabe de uma coisa? — Miles se inclinou para a frente, abaixando a voz, embora não houvesse mais ninguém por perto. Era estranho o Anunciador ter deixado os dois tão longe da região da escola. — Talvez hoje à noite a gente possa entrar escondido no refeitório e apanhar um pouco daqueles biscoitos de massa folhada...

— Aqueles amanteigados? Iguais aos do metrô? — Shelby arregalou os olhos. Outra ideia genial de Miles. Era bom ter aquele cara por perto. — Cara, como senti falta de Shoreline. É bom estar...

Os dois atravessaram uma fileira de árvores e uma planície se abriu diante deles. E então Shelby se deu conta: não estava vendo nenhum dos edifícios familiares de Shoreline, porque eles não estavam lá.

Ela e Miles estavam em... algum outro lugar.

Ela parou e olhou para os morros ao redor. De repente, Shelby notou que havia neve sobre as copas das árvores — aquilo definitivamente *não* era típico da vegetação da Califórnia. E a estrada de terra enlameada diante deles não era a rodovia Pacific Coast. Esta seguia serpenteando morro abaixo durante vários quilômetros em direção a uma cidade de aparência surpreendentemente antiga, protegida por uma maciça muralha de pedras negras.

Aquilo a lembrou de uma daquelas tapeçarias antigas e desbotadas, onde os unicórnios brincavam diante de cidades medievais, que algum ex-namorado de sua mãe certa vez a havia arrastado para ver no Getty Center, em Los Angeles.

— Achei que tínhamos chegado em casa! — gritou Shelby, num tom entre um latido e um choramingo. Onde eles *estavam* afinal?

Ela parou bem na frente da estrada rústica e olhou para a enlameada desolação diante de si. Não havia *ninguém* por perto. Assustador.

— Eu também achei que estivéssemos. — Miles coçou o boné, pensativo. — Acho que não estamos exatamente de volta a Shoreline.

— *Não exatamente?* Olhe só para esse rascunho de estrada! Olhe para aquele forte ali embaixo! — Ela engoliu em seco. — E aqueles pontinhos se movendo ali embaixo são *cavaleiros*? A menos que a gente tenha vindo parar em algum tipo de parque temático, estamos presos nessa bizarrice de Idade Média! — Ela cobriu a boca. — Melhor a gente tomar cuidado para não contrair a peste. Que Anunciador você abriu em Jerusalém, afinal?

— Não sei, eu só...

— A gente nunca vai chegar em casa!

— Vamos sim, Shel. Li a respeito disso... acho. Nós voltamos no tempo usando os Anunciadores dos outros anjos, então talvez a gente tenha de voltar para casa do mesmo jeito.

— Bem, então o que você está esperando? Abra outro!

— A coisa não funciona assim. — Miles abaixou a aba do seu boné de beisebol para cobrir os olhos. Shelby mal conseguia ver o rosto dele. — Acho que precisamos encontrar um dos anjos, e então meio que tomar emprestada outra sombra...

— Você fala como se a gente estivesse tomando emprestado um saco de dormir para ir acampar.

— Escuta: se encontrarmos uma sombra que se derrame sobre o século onde nós existimos de fato, poderemos voltar para casa.

— E como vamos fazer *isso*?

Miles balançou a cabeça.

— Achei que tivesse conseguido quando estávamos com Daniel em Jerusalém.

— Estou com medo. — Shelby cruzou os braços e tremeu por causa do vento. — Simplesmente faça *alguma coisa!*

— Não posso simplesmente fazer alguma coisa... ainda mais com você gritando comigo...

— Miles! — O corpo de Shelby parou de repente. O que era aquele som retumbante atrás deles? Algo vinha subindo pela estrada.

— *O que foi?*

Uma carroça puxada por cavalos rangia na direção dos dois. O barulho dos cascos batendo no solo aumentava cada vez mais. Em um segundo, o carroceiro atingiria o topo do morro e os veria.

— Esconda-se! — berrou Shelby.

A silhueta de um homem atarracado segurando as rédeas de dois cavalos malhados de branco e marrom se tornou visível na encosta da estrada. Shelby agarrou Miles pela gola da camiseta. Ele mexia nervosamente no boné e, quando ela o puxou para trás do tronco largo de um carvalho, o chapéu azul-celeste voou da cabeça dele.

Shelby observou o boné — o acessório que há anos fazia parte do guarda-roupa diário de Miles — navegar pelos ares como um pássaro azul e depois mergulhar, caindo numa poça de lama marrom-clara da estrada.

— Meu boné — sussurrou Miles.

Os dois estavam encolhidos muito próximos um do outro, com as costas de encontro à casca áspera do carvalho. Shelby olhou para Miles e ficou surpresa ao ver o rosto dele por inteiro. Seus olhos pareciam maiores. O cabelo estava despenteado. Ele parecia... bonito, como um cara que ela não conhecia. Miles puxou o cabelo para a frente, constrangido.

Shelby pigarreou e afastou aqueles pensamentos.

— Vamos apanhá-lo assim que a carroça passar. Apenas fique longe de vista até esse cara ir embora.

Ela podia sentir a respiração morna de Miles em seu pescoço e a ponta do osso do quadril dele empurrando o corpo dela para o lado. Como Miles podia ser tão magro? O cara comia como um cavalo, mas era só pele e osso. Pelo menos era o que a mãe de Shelby diria caso um dia viesse a conhecê-lo, algo que jamais aconteceria se Miles não conseguisse encontrar um Anunciador que os levasse de volta ao presente.

Miles se esticou, tentando ver seu boné.

— Fique quieto — disse Shelby. — Esse cara pode ser algum tipo de bárbaro.

Miles ergueu um dedo e inclinou a cabeça.

— Ouve só. Ele está *cantando*.

A neve fez barulho sob os pés de Shelby quando ela entortou o pescoço por trás da árvore para observar a carroça se aproximando. O carroceiro era um homem de bochechas rosadas que usava uma camisa com colarinho sujo, calças surradas que obviamente tinham sido feitas à mão e um colete gigantesco de pele preso à cintura com um cinto de couro. Seu pequenino boné de feltro azul parecia um pontinho ridículo no meio da cabeça grande e careca.

A canção tinha o tom alegre e ruidoso de uma canção de bar, e meu Deus, como ele cantava alto. O barulho dos cascos dos cavalos parecia quase um acompanhamento de percussão para a voz alta e aguda:

— *Vou à cidade pr'uma dama encontrar, uma dama peituda, uma dama tesuda. Vou à cidade pr'uma noiva arrumar, quando a noite chegar, e o Valentim comemorar!*

— Quanta classe. — Shelby revirou os olhos, mas reconheceu o sotaque do homem. Servia de pista. — Bom, acho que estamos na boa e velha Inglaterra.

— E acho que hoje é Dia de São Valentim, ou Dia dos Namorados — disse Miles.

— Que divertido. Vinte e quatro horas para se sentir especialmente solteiro e patético... *ao estilo medieval*.

Ela fez um gesto de dança com as mãos naquela última parte para dar um efeito especial, mas Miles estava ocupado demais observando a carroça passar para perceber.

Os cavalos estavam amarrados em rédeas e arreios azuis e brancos que não combinavam entre si. As costelas dos bichos estavam aparentes. O homem seguia sozinho, sentado sobre um banco de madeira apodrecida na frente da carroça, que era mais ou menos do tamanho da caçamba de uma caminhonete e coberto por um encerado branco resistente. Shelby não conseguia ver o que o homem estava transportando para a cidade, mas seja lá o que fosse, era pesado. Os cavalos suavam apesar do clima frio e as tábuas da base da carroça se retesavam e tremiam enquanto ela seguia na direção da cidade murada.

— A gente deveria seguir esse cara — disse Miles.

— Para quê? — Shelby contorceu a boca. — Está a fim de encontrar uma dama peituda e tesuda?

— Quero ‘encontrar’ alguém que a gente conheça, cujo Anunciador possamos usar para voltar para casa. Está lembrada? Seu hidratante labial? — Ele abriu os lábios dela com o polegar. O toque deixou Shelby sem fala por um instante. — Na cidade teremos mais chances de esbarrar com um dos anjos.

As rodas da carroça rangiam enquanto entravam e saíam dos sulcos na estrada enlameada, balançando o carroceiro de um lado para o outro. Logo ele estava tão perto que Shelby pôde ver a aspereza de sua barba, tão espessa e negra quanto o colete de pele de urso que ele usava. O fôlego do homem falhou na última sílaba estendida ao cantar *comemorar*, e ele inspirou bem fundo antes de recomeçar a canção. Mas então a música foi interrompida de repente.

— O que é isso? — perguntou ele num grunhido.

Shelby viu que as mãos do sujeito estavam rachadas e vermelhas por causa do frio quando ele puxou com dureza as rédeas dos cavalos para diminuir o ritmo. Os animais magricelas suspiraram, parando bem na frente do boné de beisebol azul de Miles.

— Não, não, não — murmurou Shelby entredentes. O rosto de Miles agora estava branco.

O homem se ergueu com dificuldade do banco, aterrissando as botas na lama espessa. Caminhou na direção do boné de Miles e se abaixou dando outro resmungo, depois o apanhou de uma só vez, num piscar de olhos.

Shelby ouviu Miles engolir em seco ruidosamente.

Uma rápida esfregada nas calças já imundas do homem e o boné ficou mais ou menos limpo. Sem uma palavra, o homem se virou e tornou a se encarapitar no banco da carroça, enfiando o boné embaixo do encerado atrás de si.

Shelby olhou para baixo, para si mesma e seu moletom com capuz verde. Tentou imaginar a reação do homem caso ela saísse de trás da árvore usando roupas esquisitas do futuro para tentar recuperar o tesouro dele. Não era uma ideia nada agradável.

No tempo que levou para Shelby se acovardar, o homem já havia puxado as rédeas; a carroça recomeçou a seguir na direção da cidade e a canção do carroceiro começou a décima segunda rodada.

Mais uma mancada de Shelby.

— Ah, Miles. Desculpe.

— Agora precisamos seguir esse cara de qualquer jeito — disse Miles, meio desesperado.

— Sério? — perguntou Shelby. — É só um boné.

Mas então ela olhou para Miles. Ela ainda não havia se acostumado a ver o rosto dele. As bochechas que Shelby costumava achar infantis pareciam mais fortes, mais angulosas, e um brilho salpicado nas íris dos olhos revelavam uma nova intensida-

de. Pela expressão de Miles, ela pôde perceber que com certeza aquilo não era “só um boné” para ele. Não sabia se o objeto lhe trazia lembranças especiais ou se simplesmente era um talismã, mas faria qualquer coisa para que aquela expressão sumisse do rosto dele.

— Está bem — soltou ela. — Vamos atrás dele.

Antes que Shelby se desse conta do que estava acontecendo, Miles entrelaçou seus dedos aos dela. O toque era firme e meio impulsivo; e então ele a arrastou em direção à estrada.

— Vem!

Ela resistiu por um instante, mas aí, sem querer, seus olhos se fixaram aos dele, que eram absurdamente azuis, e Shelby sentiu uma onda de empolgação dominá-la.

E de repente estavam correndo por uma estrada medieval salpicada de neve, passando por campos de plantações mortas por causa do inverno, cobertas com um manto liso de neve que envolvia as árvores e pontilhava a estrada suja. Dirigiam-se a uma cidade murada com altas espiras negras e uma entrada estreita e cercada por fossos. De mãos dadas, com os rostos corados, os lábios rachados de frio, rindo sem motivo de um jeito que Shelby jamais conseguiria colocar em palavras (rindo tanto que ela quase se esqueceu do que estavam prestes a fazer). Mas então, quando Miles gritou “Pule!”, algo se encaixou e ela obedeceu.

Por um momento, quase teve a sensação de estar voando.

A beirada dos fundos da carroça era arrematada por um tronco cheio de nós, cuja largura mal era suficiente para que eles se equilibrassem. Os pés deles deslizaram sobre o tronco, aterrissando ali sem qualquer elegância por pura sorte...

Durou só um segundo. Então a carroça bateu contra um sulco e chacoalhou ferozmente, o pé de Miles escorregou e Shelby largou o ponto do encerado onde estava segurando. Os dedos

dela deslizaram e seu corpo se debateu, e ela e Miles foram atirados para trás, aterrissando na lama.

*Splash.*

Shelby gemeu. Seu peito latejava. Ela limpou a lama fria dos olhos e cuspiu um monte daquela meleca escura. Olhou para a carroça, que ficava cada vez menor à distância. O boné de Miles já era.

— Você está bem? — perguntou ela.

Ele limpou o rosto com a manga da camiseta.

— Sim. E você? — Quando ela concordou com um aceno, ele sorriu. — Faça a cara que Francesca faria se ela descobrisse onde estamos nesse exato momento. — O pedido de Miles parecia alegre, mas Shelby sabia que por dentro ele estava arrasado.

Mesmo assim, ela resolveu entrar no jogo. Shelby adorava imitar a majestosa professora deles na Shoreline. Ela rolou para fora da poça, se apoiou apropriadamente nos cotovelos, estufou o peito e empinou o nariz:

— E suponho que vocês vão negar que estavam propositadamente tentando desgraçar o legado de Shoreline? Sou completamente *avessa* a imaginar o que o graaaande comitê de diretores irá dizer. E já mencionei que quebrei uma unha na quina de um Anunciador tentando rastrear vocês dois...?

— Ora, ora, Frankie. — Miles ajudava Shelby a sair da lama enquanto engrossava a voz para fazer sua melhor imitação de Steven, o marido ligeiramente menos demoníaco de Francesca. — Não sejamos assim tão duros com os Nefilim. Um único semestre lavando as privadas será suficiente para lhes ensinar uma lição. Afinal, o erro deles tem origem em nobres intenções.

Nobres intenções. Encontrar Luce.

Shelby engoliu em seco, sentindo uma melancolia invadi-la. Eles eram um time, eles três. E times não se separam.

— Nós *não* desistimos dela — disse Miles com suavidade. — Você ouviu o que Daniel disse. Ele é o único capaz de encontrá-la.

— Acha que ele já a encontrou?

— Espero que sim. Ele disse que encontraria. Mas...

— Mas o quê? — perguntou Shelby.

Miles fez uma pausa.

— Luce estava bem brava quando abandonou todo mundo no quintal. Espero que quando Daniel a encontrar, ela o perdoe.

Miles estava coberto de lama, e Shelby o encarou sabendo o quanto ele havia, em determinada época, de fato gostado de Luce. Confessadamente, ela jamais se sentira *daquele* jeito a respeito de ninguém. Na verdade, ela era famosa por escolher os piores caras para se relacionar. *Phil?* Me poupe! Se ela não tivesse se apaixonado por ele, os Párias não teriam rastreado Luce, ela não teria precisado saltar para dentro de um Anunciador, e Miles e Shelby não estariam empacados ali agora. Cobertos de lama.

Mas aquele não era o ponto crucial da questão. Parecia impressionante Miles não estar amargurado ao ver Luce completamente apaixonada por outra pessoa. Ele não estava. Esse era Miles.

— Ela vai perdoá-lo — disse Shelby por fim. — Se alguém me amasse o bastante para mergulhar através de múltiplos milênios apenas para me encontrar, eu o perdoaria.

— Ah, então bastaria isso? — Miles a cutucou com o cotovelo.

Num impulso, ela golpeou a barriga dele com as costas da mão. Era o jeito dela e da mãe de se provocarem, coisa de melhores amigas. Mas Shelby normalmente era bem mais reservada com as pessoas de fora do seu núcleo familiar. Estranho.

— Ei — disse Miles, interrompendo os pensamentos dela. — Nesse momento eu e você precisamos nos concentrar em como

chegar à cidade e encontrar um anjo que possa nos ajudar a voltar para casa.

*E, nesse meio-tempo, recuperar aquele boné*, acrescentou Shelby mentalmente enquanto ela e Miles começavam a correr, seguindo a carroça em direção à cidade.



A taverna ficava a mais ou menos 1,5 quilômetro de distância das muralhas, um estabelecimento solitário em um campo enorme. Era uma estruturazinha de madeira com uma placa do mesmo material desgastada e pendurada, com imensos barris de cerveja encostados junto às paredes.

Shelby e Miles haviam passado correndo por centenas de árvores desfolhadas pelo frio e por trechos de neve suja derretida na estrada que serpenteava até a cidade. Não havia muito o que ver; na verdade, os dois perderam a carroça de vista depois que Shelby sentiu uma pontada na lateral do corpo e eles foram obrigados a ir mais devagar, mas agora, por sorte, eles a vislumbaram estacionada em frente à taverna.

— Aí está o nosso cara — disse Shelby baixinho. — Provavelmente ele parou para beber uma dose. Idiota. Vamos só pegar o boné de volta e seguir caminho.

Miles concordou, mas enquanto eles rodeavam sorrateiramente os fundos da carroça, Shelby viu o carroceiro de colete de pele em frente à porta e seu coração falhou. Ela não conseguia ouvir o que o homem dizia, mas ele segurava o boné de Miles e o mostrava ao taberneiro com tanto orgulho quanto se estivesse exibindo uma rara pedra preciosa.

— Ah — disse Miles, decepcionado. Então ele aprumou os ombros. — Sabe de uma coisa? Vou comprar outro. Dá para comprar um igual em qualquer lugar da Califórnia.

— Hum, tudo bem.

Shelby golpeou a lona encerada da carroça do homem, frustrada. A força do seu golpe fez com que um dos cantos do encerado se levantasse com força. Por um segundo, ela vislumbrou uma pilha de caixas lá dentro.

— Hum. — Ela enfiou a cabeça por baixo do encerado.

Era frio e meio fedorento, lotado de todo tipo de coisa estranha. Havia jaulas de madeira amontoadas de galinhas pintadas adormecidas, sacas pesadas de alimentos, um saco de estopa com diversas ferramentas de ferro e um monte de caixas de madeira. Ela tentou abrir a tampa de uma delas, mas nem sequer conseguiu movê-la.

— O que você está fazendo? — perguntou Miles.

Shelby ofereceu um sorriso confiante.

— Tendo uma ideia. — Então estendeu o braço para apanhar algo que parecia um pequeno pé de cabra dentro do saco de ferramentas e abriu a tampa de uma das caixas mais próximas. — Bingo!

— Shelby?

— Se vamos entrar na cidade, estas roupas podem passar a ideia errada. — Ela remexeu o bolso de seu casaco verde com capuz para enfatizar o que dizia. — Você não acha?

Embaixo do encerado Shelby encontrou algumas roupas simples, que pareciam desbotadas e desgastadas, provavelmente roupas que já não serviam para a família do carroceiro. Ela atirou aqueles pequenos tesouros para Miles, que com dificuldade conseguiu apanhar todos.

Num piscar de olhos ele estava segurando um vestido comprido de linho verde-claro, com mangas boca de sino e uma faixa dourada bordada correndo pelo meio, um par de meias amarelo-limão e um chapéu de senhora com uma fita que mais parecia a touca de uma freira, feito de linho cinza-claro.

— Mas e *você*, o que vai usar? — brincou Miles.

Shelby teve de revirar mais meia dúzia de caixas cheias de trapos, pregos entortados e pedras lisas até encontrar algo que servisse para Miles. Por fim, ela sacou uma túnica azul simples feita de lã áspera e dura. Aquilo o manteria aquecido e protegido do vento forte; era comprida o bastante para cobrir os tênis Nike; e por algum motivo Shelby achava que aquela cor combinaria perfeitamente com os olhos dele.

Shelby abriu o zíper de seu casaco com capuz verde e o atirou para os fundos da carroça. Seus braços nus ficaram arrepiados enquanto ela enfiava o vestido largo por cima do jeans e da blusinha que estava vestindo.

Miles ainda parecia relutante.

— Eu me sinto esquisito por vestir coisas que aquele cara provavelmente estava levando à cidade para vender — sussurrou ele.

— Isso é carma, Miles. Ele roubou seu boné.

— Não, ele *encontrou* meu boné. E se ele tiver família para sustentar?

Shelby assoviou baixinho.

— Você não sobreviveria nem um dia no meio de gente barra pesada, garoto — ela deu de ombros —, se eu não estivesse aqui para cuidar de você. Olhe, pegue mais leve. Vamos pagar isso de volta para o cosmos. Meu casaco... — Ela acariciou o casaco verde com capuz, dentro da caixa. — Quem sabe? Talvez esse tipo de abrigo vire a febre da próxima estação nos teatros de anatomia, ou seja lá onde esses caras se divertem por aqui.

Miles ergueu o chapéu de senhora cinza-claro por sobre a cabeça de Shelby, mas o rabo de cavalo não deixava que ele se encaixasse, então ele puxou o elástico. O cabelo loiro dela desceu pelos ombros. Agora era *ela* quem se sentia constrangida. Seu cabelo

era um completo horror. Ela *nunca* o usava solto. Mas os olhos de Miles brilharam quando o chapéu se ajustou em sua cabeça.

— *Milady*. — Ele galantemente lhe estendeu a mão. — Posso ter o prazer de acompanhá-la até esta bela cidade?

Se Luce estivesse ali, na época em que os três ainda eram apenas bons amigos e as coisas eram um pouquinho menos complicadas, Shelby teria sabido exatamente como reagir à brincadeira. Luce teria feito sua voz doce e recatada de dama em perigo e chamado Miles de seu cavaleiro de armadura reluzente ou alguma besteira do tipo. Shelby teria acrescentado um comentário sarcástico, e aí todos teriam caído na risada e a tensão esquisita que Shelby sentia nos ombros, o aperto em seu peito... tudo isso desapareceria. Tudo pareceria *normal*, completo.

Mas agora eram apenas Shelby e Miles.

Juntos. A sós.

Eles se viraram para encarar a muralha de pedra escura em volta da cidade, que circundava uma fortaleza central elevada. Estandartes amarelo-ouro pendiam de mastros de ferro na alta torre de pedra. O ar cheirava a carvão e feno mofado. Música vinha do interior das muralhas, uma lira talvez, alguns tambores de pele macia. E, em algum lugar lá dentro, Shelby esperava, haveria um anjo cujo Anunciador seria capaz de transportar os dois de volta ao presente, onde era o lugar deles.

Miles continuava com a mão estendida, olhando Shelby como se não tivesse a menor ideia da profundidade do azul nos próprios olhos. Ela inspirou profundamente e deslizou a palma da mão por sobre a dele. Ele apertou a mão dela de leve e os dois caminharam para dentro da cidade.